

## A briga contra as tarifas bancárias

---

A briga contra as tarifas bancárias

PRESSÃO // Governo tenta reduzir cobrança de serviços dos bancos aos clientes, enquanto instituições pedem queda da Selic  
Eduardo Costa  
Da equipe do DIARIO

Acontece na economia brasileira uma sutil queda-de-braço entre o governo federal e os bancos. O primeiro quer que as instituições financeiras no país diminuam o valor de suas tarifas e o spread bancário (a diferença entre o valor pago na captação dos recursos e o cobrados, depois, nos empréstimos). De acordo com o governo, os altos valores atrapalham a queda dos juros. Para os bancos, contudo, a história se inverte: as tarifas estão altas porque a taxa básica de juros, a Selic, fixada pelo Banco Central, está alta. Enquanto observa o embate, o usuário do sistema de bancos nada pode fazer, já que a tarifação cabe ao próprio banco. O BC regulamenta apenas um aumento anual e a obrigatoriedade de informação aos clientes antes da cobrança.

Depois de entrar no discurso do ministro da Fazenda, Guido Mantega, o cerco às altas tarifas chegou ao Congresso. Chegou, mas não pegou. Na última quarta-feira, por sinal, houve uma esvaziada sessão na Comissão de Defesa do Consumidor. Mantega, que era esperado para dar força à "luta", não apareceu. Sem ele, os deputados chegaram a discutir por 45 minutos se a reunião deveria ser adiada. Dos 26 parlamentares iniciais, só três ficaram até o final.

Um dos deputados que fazem parte da comissão, Chico Lopes (do PcdB-CE) apresentou, aliás, dados preocupantes que mostram o tamanho dessa "mordida": em 1994 as tarifas representavam 6,9% das receitas totais dos bancos. No passado, elas já era 17,68% desse lucro.

Com isso, não é à toa que as tarifas sejam as principais reclamações dos usuários nos órgãos de defesa do consumidor espalhados pelo país. As mais comuns são de cobranças indevidas (o que, num ambiente sem regulamentação, fica praticamente impossível provar a culpa dos bancos). "O valor das tarifas é a última coisa que alguém olha antes de abrir uma conta num banco. Geralmente procuram uma instituição pelo nome ou até mesmo pela simpatia do gerente", lamentou a coordenadora do Procon do Recife, Maria Cleide Torres.

E foi exatamente o que aconteceu com o funcionário público Edson Bezerra. Procurado por um banco multinacional, acabou convencido a abrir uma conta, que nunca movimentou. Dois anos depois, recebeu a notícia de que seu nome estava no Serasa de São Paulo, já que tinha um dívida com o banco de R\$ 4.570, gerada só por tarifas. "Levei um susto e tentei argumentar. Não houve acordo. Chegaram a me oferecer um empréstimo do próprio banco para pagar a dívida com eles", desabafou. Bezerra foi ao Procon e já conseguiu marcar uma audiência de conciliação. .

Procurada pelo Diario de Pernambuco, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) pronunciou-se através de sua assessoria de imprensa. Segundo o e-mail recebido pelo jornal, "As tarifas bancárias são a contrapartida pelo serviço prestado a um cliente ou usuário do sistema. Assim como há taxas referentes ao uso de energia elétrica, saneamento e transporte, também é apropriado que os consumidores paguem pela transferência de recursos, assim como pela manutenção das agências e da tecnologia em constante inovação." A entidade lembrou que "o pagamento das tarifas está previsto na resolução 2.303 do Banco Central".